Adriana Aroulho

Mais mulheres nas empresas não é questão de justiça social'

___ CEO da SAP diz que percepção sobre presença feminina já mudou, mas a jornada ainda é longa

ENTREVISTA

Graduada pela USP, com pós-graduação na FGV, trabalhou na Hewlett Packard antes de ingressar na SAP-Brasil, em 2017

BEATRIZ CAPIRAZI

ada vez mais empresas veem ganhos nos negócios com a maior presença de mulheres nos seus quadros de funcionários. A percepção é de Adriana Aroulho, CEO da gigante alemã de softwares de gestão SAP. Segundo ela, esse é um processo que vem crescendo, impulsionado por estudos que associam o aumento de produtivi-dade nas companhias à inclusão de perfis mais diversos.

Adriana diz já haver uma ampla percepção, especialmente em empresas de tecnologia, como a SAP, de que diversidade é sinônimo de inovação e melho-res resultados. "Em tecnologia, não sobrevivemos sem inovação. É uma questão até de competitividade. A presença de mulheres nos negócios, nas cadei-ras de decisão, não é apenas uma questão de justiça social, mas de negócios, de trazer inovação para as empresas", explica.

Veja a seguir os principais trechos da entrevista especial deste dia Internacional da Mulher.

Hoje há muitas mulheres ascendendo a cargos de liderança. Como você vê a discussão sobre liderança feminina?

Sempre digo que sou uma otimista realista. Acredito que tivemos avanços, que são visíveis. Já temos alguns casos de sucesso. Mas, definitivamente, ainda falta muito. Na área de tecnologia, minha indústria, temos alguns casos, mas ainda temos um mundo de oportunidades a ser explorado. È uma pauta crescente. Já existem inúmeros estudos que analisam o va-lor que a diversidade traz para os negócios. A presença de mulheres nas empresas, nas cadeiras de decisão, não é só uma questão de justiça social, mas de negócio, de trazer inovação para as empresas. Pessoas pensando diferente contribuem para melhores resultados dos negócios. Isso já vem sendo discutido nos últimos anos no mercado corporativo. Já avançamos em várias frentes, mas em liderança ainda falta.

Áreas ligadas às ciências exatas são historicamente mais masculinas. Como você vê esse avanco na sua área?

Quando olhamos para as disciplinas nessas áreas nas universidades e escolas técnicas, sempre houve muito menos mulheres, não é? Mas já vejo um cenário mais equilibrado, mas isso ainda é uma realidade, e o exemplo é muito importante. Elas (as mulheres) precisam entender que é possível. Através do exemplo, começamos a atrair mais mulheres para essas áreas técnicas, e vejo uma tendência positiva, embora ainda não seia suficiente. Em tecnologia, não podemos sobreviver sem inovação. É uma questão de competitividade: uma empresa de tecnologia que não está se reinventando não se mantém relevante no mercado. Em geral, vejo uma grande vontade no setor de trazer diversidade de gênero e outras minorias, justamente para promover essa troca de perspectivas e encontrar novos caminhos e respostas.

Especialistas dizem que haverá um gap em cargos de destaque por muitos anos ainda antes que haja uma maior equidade...

Sempre digo que todo esse processo é uma jornada, porque de-pende de muitos fatores e de uma escalada com o tempo. Temos falado mais sobre isso, visto mais compromissos traduzidos em acões concretas, mas não dá para negar que ainda falta muito. Para além das empresas, esse movimento também passa por uma transformação da sociedade, incluindo os homens. Na pauta de diversidade de gênero, os homens têm um papel muito importante porque eles são a maioria nas empresas ainda, e tomam a maioria das decisões. •

